
Adolescência e respeito: a docência que faz diferença¹

Andréa Bonetti GALLEGO² e Maria Luiza BECKER³**Resumo**

Este artigo é um dos resultados de um estudo que pesquisou como um professor pode ocupar o lugar de adulto significativo/respeitado, facilitando ao aluno seu processo de desenvolvimento moral e o caminho para a autonomia e para cooperação, através das representações dos alunos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada através de estudos de casos múltiplos, tendo como referencial teórico a Epistemologia Genética. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de Porto Alegre, elegendo como sujeitos os alunos adolescentes do terceiro ano do ensino médio e os professores indicados como mais significativos pelos alunos. Os adolescentes e os professores mais indicados foram entrevistados através do Método Clínico de Piaget. Os dados foram organizados em casos constituídos de um professor e os alunos que o escolheram, buscando determinar as características da relação que se estabelece entre os alunos e este professor que faz a diferença. Os resultados obtidos indicam que o professor que pode fazer a diferença para a constituição da moral da autonomia do adolescente é aquele que favorece que se estabeleçam relações de cooperação e respeito mútuo, sendo necessárias características de afeto e particularidade nestas relações. Evidenciou-se também a relevância da reflexão destes docentes sobre sua prática e sobre o desenvolvimento moral.

Palavras-chave: respeito mútuo, cooperação, adolescência, desenvolvimento moral, relação professor e aluno.

Adolescence and respect: the teaching that makes difference**Abstract**

This paper is one of the results of a study that examined how can a teacher be in the role of significant/respected adult, facilitating not only the process of moral development in the student but autonomy and cooperation as well, through the students representations. It is a qualitative research through multiple-case studies, that used Genetic Epistemology as its theoretical reference. The research was conducted in one of the schools run by public power in Porto Alegre, and chose as its research subjects adolescent students in the third year of highschool and the teachers who were mentioned as being the most significant for the students. The adolescents and the most mentioned teachers were interviewed through the Piaget Clinical Method. The data were organized in cases constituted by a teacher and the students that chose him/her, trying to determine the characteristics of the relationship existing between the students and this teacher that makes a difference. The obtained results show that the teacher who can make a difference is the one who promotes mutual cooperation and respect relationships with affection and particularity as necessary characteristics. It was also seen that the reflexion about their practice and about moral development was relevant for these teachers.

Key-words: mutual respect, cooperation, adolescence, moral development, student/teacher relationship.

¹ Este estudo faz parte da Dissertação de Mestrado de GALLEGO, Andréa Bonetti, intitulada “Adolescência e moralidade: o professor que faz a diferença”, orientada por BECKER, Maria Luiza, e defendida no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS).

² Psicóloga, Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS). E-mail: andgallego@terra.com.br

³ Doutora em Educação (PPGEDU e DEBAS/FACED da UFRGS). E-mail: mlbecker@portoweb.com.br

1. Introdução

Este artigo traz os resultados de uma pesquisa que investigou o respeito nas relações entre professor e aluno, considerado a partir do lugar de adulto significativo, facilitando ao aluno seu processo de desenvolvimento moral e o caminho para a autonomia e para a cooperação. A inquietação inicial que levou à constituição da idéia para pesquisa é a reflexão sobre a questão das relações de violência protagonizadas pelos jovens, sua inadequação social e a possibilidade de uma intervenção educativa na construção da moral do adolescente, como alternativa para estas dificuldades. A revisão bibliográfica realizada para o trabalho mostrou a relevância do estudo do respeito e da moralidade do adolescente, como algo que pode trazer benefício à sociedade contemporânea, pois o jovem autônomo tem a oportunidade de desenvolver atitudes de solidariedade e justiça que podem contribuir para as relações morais na atualidade.

A construção do objeto deste estudo destacou o papel do adulto significativo, no lugar do professor, na evolução da constituição moral do adolescente. O referencial Piagetiano foi a principal fundamentação teórica escolhida, sendo usado para aprofundar conceitos como: desenvolvimento moral, respeito mútuo, adolescência e o professor como referência na constituição da moral.

2. O papel do professor/adulto significativo, na evolução da constituição da moral no adolescente.

O tema da investigação, ou seja, o papel do adulto significativo, no lugar de professor, na evolução da constituição da moral no adolescente tem sua relevância na possibilidade da interação educativa na construção moral. Trata-se a relação entre professor e aluno como algo que, se construído através de uma relação de afeto e respeito mútuo, favorece a autonomia e a busca do bem comum.

O trabalho partiu da idéia de que é possível uma educação moral dentro da escola. O professor, no lugar de adulto significativo, pode propiciar mudanças na história de vida dos adolescentes. Perguntou-se quem é ou como é o professor que pode fazer essa diferença, ou seja, aquele respeitado e admirado pelos alunos adolescentes.

Piaget (1948) entende que três tipos de afeto interessam à vida moral e se apresentam inicialmente na constituição mental da criança: a necessidade de amor; o sentimento de medo, em relação aos maiores e mais fortes; o sentimento misto, composto simultaneamente de afeição e temor, que é o sentimento de respeito. Desse modo, uma educação baseada na autoridade e no respeito apenas unilateral tem resultados inconvenientes, do ponto de vista moral e do ponto de vista intelectual. Ao invés de levar o indivíduo a elaborar as regras e a disciplina a que vai se submeter ou a colaborar neste processo, lhe é imposto um sistema de imperativos preestabelecidos e imediatamente categóricos.

O conceito de respeito tornou-se essencial para este trabalho ao entendermos que, para Piaget, é a relação de respeito mútuo que leva à construção da moral da autonomia e ao sentimento de cooperação. Dentro do ambiente escolar, o adulto, na figura do professor, só é significativo quando consegue estabelecer uma relação de respeito com o aluno, de modo a permitir que a moral do adolescente evolua.

Piaget (1931) afirma que, para quase todos os estudiosos da moral, o respeito constitui o sentimento fundamental que possibilita a aquisição da moral. Ele fala da existência de dois tipos de respeito: o unilateral, que implica desigualdade entre quem respeita e quem é respeitado, e é característico das relações de coação; e o respeito mútuo, em que os indivíduos em contato consideram-se iguais e respeitam-se, reciprocamente, o que ocorre na relação de cooperação. O respeito unilateral leva, junto com a relação de coação moral, a um sentimento de dever, mas um dever primitivo, no qual a criança permanece heterônoma. A moral resultante do respeito mútuo e da cooperação pode caracterizar-se pelo sentimento do bem, representativo da autonomia.

Para Piaget, a coação do adulto não é capaz de reprimir o egocentrismo infantil. A criança submete-se em aparência, ou seja, ela pensaria “devo obedecer somente quando sou observado”. Entretanto a submissão efetiva a uma regra só se dá quando ela é reconhecida como boa. Há grande diferença entre o respeito unilateral e o mútuo em relação à regra. No respeito unilateral, a única forma de impô-la ao indivíduo é a sanção. No respeito mútuo, a

infração a regras de cooperação provoca a supressão momentânea dos laços de solidariedade.

O próprio conceito de respeito, para Piaget (1931), vem da admiração e do temor. Em uma relação de cooperação entre o professor e o aluno, o adolescente comporta-se de forma cooperativa por admirar o professor e temer perder o seu reconhecimento. “O medo só por si não coage, mas propicia uma obediência toda exterior, e aliás simplesmente interessada (obedecer para não ser castigado, etc.)” (PIAGET, 1948, p. 74). O respeito mútuo, para Piaget (1931), longe de provocar uma coerção espiritual, como o respeito unilateral, constitui o ponto de partida para a cooperação.

A educação moral é algo que se torna essencial devido à crescente preocupação com o individualismo dos sujeitos na sociedade atual, cada vez mais violenta. Indivíduos presos a uma moral egocêntrica e heterônoma estão muito longe de um processo de cooperação ou da busca do bem comum, e, portanto, são muito mais suscetíveis a estar à margem de nossa sociedade.

Na leitura de Piaget, podem ser encontradas explicações para as possíveis mudanças dos jovens, que ocorrerem através da relação com o outro, em uma relação de respeito mútuo orientada para a autonomia moral. Embora atenta à importância fundamental que Piaget atribui à relação com os pares, nesta pesquisa se privilegiou o estudo que este autor traz sobre a influência do adulto neste processo.

Ao pesquisar como é o professor apontado como um adulto significativo por um adolescente e como esse processo ocorre na construção da autonomia do jovem, propiciamos uma maior reflexão sobre o tema e talvez, ao evidenciarmos a importância desta relação, auxiliemos na conscientização por parte do professor das importantes possibilidades de seu trabalho.

Dessa forma, a questão é como propiciar que a maior parte dos adolescentes na escola caminhem em seu processo de desenvolvimento moral. Pesquisar relações significativas para o desenvolvimento moral do adolescente, no âmbito da escola, traz

assim, contribuições relevantes para a análise do problema: Como a relação de respeito mútuo com um professor pode mudar o posicionamento moral de um jovem frente à vida?

Compreender as mudanças a partir da relação entre professor e aluno é relevante tanto por colaborar para a atualização do debate sobre as contribuições dos estudos piagetianos da moral para a educação, quanto para a construção de instrumentos teórico-metodológicos para pesquisas futuras sobre o papel do orientador voluntário.

Para a Epistemologia Genética, a educação escolar pode ser um dos meios que auxilia no desenvolvimento tanto cognitivo quanto moral do sujeito. Ela é percebida como algo que vai muito além de uma forma de transmissão dos conhecimentos criados pela humanidade, mas é principalmente um meio em que o sujeito pode agir para construir seu conhecimento.

Piaget (1965) afirma que classicamente educar é adaptar a criança ao meio social do adulto, ou seja, transformar a constituição psicológica da criança em função de realidades coletivas, às quais a consciência atribui valor. Educar é levar o indivíduo em crescimento em direção a valores sociais, morais e intelectuais. Para ele, no entanto, ao se considerar a criança dotada de uma atividade verdadeira e se o desenvolvimento for compreendido de forma dinâmica, a relação entre educando e sociedade se torna recíproca.

Na perspectiva da Epistemologia Genética há possibilidade de intervenção quando o indivíduo já atingiu a adolescência, o que também se explica pelo caráter limitado do papel da maturação. A prova desta limitação está nos graus de desenvolvimento que se sucedem sempre na mesma ordem, do mesmo modo, embora não correspondam a idades absolutas, observando-se, ao contrário, acelerações ou retardamentos segundo diversos meios sociais e a experiência adquirida.

3. A pesquisa sobre a relação entre um professor significativo e seu aluno adolescente

O trabalho de campo foi realizado nos meses de junho a outubro de 2005, em uma escola de ensino médio da rede estadual, localizada na região central da cidade de Porto Alegre-RS. Esta pesquisa de caráter qualitativo se realizou através do método de estudo de casos múltiplos, com alunos adolescentes. Cada caso é representado por um professor e os alunos que o escolheram. Com a análise das colocações de cada aluno, verificaram-se suas idéias particulares a respeito de como é o professor respeitado. Após essa etapa, foi possível reunir as informações trazidas por cada indivíduo em uma análise conjunta, criando uma hipótese para o que pensam os adolescentes em geral sobre as características de um professor significativo e respeitado.

Cada sujeito foi escolhido e estudado através de um questionário inicial e em seguida investigado através de entrevistas individuais na busca de informações convergentes para o foco da investigação. A importância do questionário inicial estava também em possibilitar a escolha de sujeitos adequados para os propósitos específicos da pesquisa. Dentre os questionários, foram selecionados aqueles com as melhores respostas, tendo estas graus diferentes de profundidade, utilizando como critérios de escolha: maior coerência interna entre as respostas dos questionamentos, respostas mais significativas, que demonstrassem maior interesse no tema da pesquisa e que fossem mais detalhadas. Por tratarem-se de respostas dissertativas, foi possível também usar como critério de escolha aquelas que sugeriam tratar-se de crenças desencadeadas ou de crenças espontâneas.

Nesta pesquisa, procurou-se examinar como um professor pode ocupar o lugar de adulto significativo e respeitado e ser relevante no processo de constituição da moral do adolescente. Isto foi analisado através das representações dos adolescentes sobre esse professor respeitado.

Na investigação foram utilizadas entrevistas individuais fundamentadas no Método Clínico Piagetiano. Sobre o Método Clínico, Piaget (1926) afirma que a forma e o funcionamento do pensamento da criança, em nosso caso o adolescente, mostram-se cada vez que ela entra em contato com seus pares ou com o adulto; são uma forma de

comportamento social que se pode observar de fora. O conteúdo pode se liberar ou não, conforme a criança e os objetos da representação. Trata-se de um sistema de crenças íntimas, sendo necessária uma técnica especial para se chegar a sua descoberta. É “um sistema de tendências, de orientações do pensamento, do qual a própria criança jamais tomou consciência e de que nunca falou” (Piaget, 1926, p. 6).

Em *O Juízo moral na criança*, Piaget (1932) diz que, em relação às representações de ordem intelectual, na pesquisa moral, se a observação pura é o único método seguro, ela apenas permite a aquisição de fatos fragmentários e pouco numerosos e precisa ser completada com interrogatórios dos estudantes. Para o autor (1932), o único bom método no estudo dos fatos morais consiste, seguramente, em seguir de perto o maior número possível de casos individuais. Alerta, no entanto, que se no domínio intelectual o interrogatório é relativamente fácil, apesar de numerosas dificuldades de método que ele apresenta, no domínio moral deve dirigir-se apenas a realidades de alguma forma indireta. Não se pode proceder com a criança como se fosse um laboratório, com o fim de dissecar sua conduta moral. O problema moral submetido à criança está muito mais afastado de sua prática moral que um problema intelectual de sua prática lógica.

Apesar de o Método Clínico constituir-se, muitas vezes, de entrevista verbal, a essência do método não está na conversa, mas sim no tipo de atividade do experimentador e no tipo de interação que estabelece com o sujeito. Assim, “a característica do método clínico é a intervenção sistemática do experimentador diante da conduta do sujeito” (DELVAL, 2002, p. 68). O autor afirma que o Método Clínico tem origem em trabalhos realizados na clínica, em que se pretende estudar o sujeito em profundidade para detectar suas características, como indivíduo único. Delval entende que a grande novidade de Piaget é utilizar esse método para o estudo de indivíduos normais em evolução. Ele inova ao ver o sujeito como único, com sua coerência interna, mas não se centra no peculiar deste sujeito, e sim no universal, na criança como sujeito epistêmico.

“O verdadeiro problema não é aceitar ou repetir os resultados de uma experiência, mas saber como situá-los no conjunto da vida real da criança.” (PIAGET, 1932, p. 106)

Neste trabalho, foi utilizado o Método Clínico de Piaget, mas sem, no entanto, replicar os experimentos piagetianos. O Método foi adaptado ao foco desta pesquisa, ou seja, a verificação das falas de adolescentes sobre o professor significativo, em entrevistas dentro da escola. Foi utilizada a essência do método e da entrevista clínica, adaptados a esta situação específica de pesquisa. Delval (2002), ao sistematizar o método, sugere que esses ajustes podem ser feitos, afirmando que o próprio Piaget não manteve o método sempre igual, mas o foi adaptando aos novos problemas e temas que abordava. Para esta pesquisa, conservou-se a intervenção sistemática com o questionamento verbal, pois buscou-se averiguar o conteúdo do pensamento dos sujeitos adolescentes ou suas idéias frente a conteúdos morais.

Pesquisadores contemporâneos como Becker (1993), em *A Epistemologia do Professor*, e Wascow (2005), em sua dissertação de mestrado, não fazem uma replicação de Piaget, mas sim uma nova construção para fins de pesquisa, entrevistando no primeiro caso adultos e, no segundo, adolescentes.

A investigação do papel do professor como adulto significativo/respeitado na constituição da moral de adolescentes, foi realizada através de entrevistas individuais fundamentadas no Método Clínico de Piaget, que permite que as concepções dos sujeitos entrevistados sejam explicitadas, mesmo que elas sejam inconscientes ou não muito claras para os próprios adolescentes. Para o autor, no que se refere às regras morais que a criança recebe do adulto, nenhuma investigação direta é concebível através de interrogatório, pois analisaremos não as decisões da criança nem mesmo as lembranças de suas ações, mas a maneira pela qual ela avalia esta ou aquela conduta.

O uso do Método Clínico de Piaget não consistiu numa replicação dos experimentos de Piaget. O Método foi adaptado ao foco desta pesquisa, ou seja, a verificação das falas de adolescentes sobre o professor significativo, em entrevistas dentro da escola. Foi utilizada a essência do método e da entrevista clínica, adaptados a esta situação específica de pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são alunos que freqüentam o terceiro ano, com idade entre 15 e 18 anos, de modo que estão cursando, aproximadamente, a série esperada para sua faixa

etária. Participaram também da pesquisa sete professores indicados como mais significativos e respeitados pelos alunos, que deram aula para os alunos escolhidos em algum momento do ensino médio, a partir do que se pode verificar a relação desta escolha com a prática docente e com a concepção dos professores sobre ela.

O número de sujeitos dos questionários foi de oitenta e oito alunos. A partir do levantamento das respostas dos questionários, foram separados aqueles alunos que indicaram os professores mais votados como significativos. Ao encerrar a primeira etapa, foram escolhidos dezessete alunos para as entrevistas e sete professores como mais significativos pelos alunos.

O questionário ou levantamento sobre as relações professor e aluno trata-se, de um instrumento escrito que apontou quais professores foram indicados, com maior frequência pelos alunos, como aqueles mais significativos e respeitados. Ele permitiu, após um tratamento quantitativo inicial, selecionar os professores mais citados, como sujeitos da pesquisa.

Os alunos, como um todo, demonstraram grande interesse em dar suas opiniões sobre o tema da pesquisa (apenas um aluno negou-se a responder) fazendo vários relatos orais e espontâneos sobre peculiaridades na sua relação com parte do corpo docente.

A primeira análise do questionário trouxe uma série de dados interessantes ao tema pesquisado, o que, conforme a antecipação de Yin (2001), apesar de o instrumento ter sido construído apenas para eleger os sujeitos das entrevistas, tornou-se uma fonte de dados complementares para as conclusões deste estudo.

As entrevistas efetuadas foram semi-estruturadas e, conforme o Método Clínico, incluíram indagações a partir das questões iniciais, para ter clareza das representações dos sujeitos da pesquisa. O objetivo da entrevista é determinar como o aluno valoriza este professor que faz a diferença na constituição do seu juízo moral.

Os professores mais indicados responderam também a entrevistas semi-estruturadas, através do Método Clínico, com o objetivo de verificar como concebem as relações no processo de ensino-aprendizagem e suas crenças sobre como isto pode relacionar-se com o fato de eles terem sido escolhidos pelos alunos.

4. Os resultados da pesquisa

A partir do processo de coleta de dados, emergiram e definiram-se três categorias para análise dos resultados da pesquisa:

- **Relação Entre as Interações Sociais e o Desenvolvimento Cognitivo e Moral** - Trata da importância que o adolescente atribui à interação social para o seu desenvolvimento cognitivo.
- **Características dos Professores Significativos** - Esta categoria busca evidenciar as características que o jovem atribui como necessárias a um professor para que este seja considerado um professor significativo, ou seja, alguém que possa servir como referência ou exemplo de vida para o adolescente ou que pode fazer a diferença em sua vida.
- **Construção de valores: declarações e reflexões** - Nessa categoria, foram evidenciadas as construções estabelecidas pelos adolescentes entre a relação com seu professor significativo e a constituição de novos valores morais. Destaca-se o respeito mútuo e o meio propício à cooperação como importantes na constituição de novos valores. O objetivo desta categoria é encontrar nas verbalizações do sujeito argumentos que evidenciem seu pensamento e esclareçam suas hipóteses em termos de caminhada à moral da autonomia.

A partir da análise dos casos, foi possível mapear algumas características predominantes nas relações que estão representadas nos casos trabalhados e também naquelas que aparecem na argumentação dos alunos como contrapartida às características do professor escolhido ou ideal. É necessário ressaltar que os casos trabalhados não são “modelos puros”, pois todos dizem respeito a professores considerados significativos pelos adolescentes e, apesar de suas diferenças, em algum momento favorecem algum nível de

cooperação em sala de aula. Buscou-se ainda a clareza que tem o professor sobre a diferença de posição entre ele e seu aluno, ou seja, em que medida reconhece que há assimetria na relação, mantém coerência entre sua fala e seus atos e se mostra atento à ética profissional. As características que se sobressaíram são as seguintes:

Princípios gerais para todos: é representada pelo caso do professor, que se caracteriza por ser eficiente em sua tarefa como professor, usando o mesmo padrão de relacionamento, sem, no entanto, demonstrar que investe na reflexão sobre sua prática.

Trocas cooperativas: é representada pelo caso do professor, que não tem um modo pré-estabelecido de ensinar ou tratar o aluno pré-estabelecido, mas este se origina na relação com ele, dentro de um ambiente de cooperação. Esse professor mantém uma reflexão sobre sua prática.

Moral do bem: como exemplo temos o caso do professor que tem a ética em primeiro lugar em suas relações, tanto com os alunos como com os colegas, buscando estabelecer relações de respeito mútuo, relevantes à cooperação. Sua prática é pautada por valores, mas tem regras fixas, ou seja, não explicita a necessidade de reflexão permanente sobre os desafios do cotidiano.

Relação de dependência: refere-se ao caso do professor que possui uma relação de respeito unilateral com seus alunos, filiada à moral da heteronomia: eles o respeitam para não perder seu afeto, no entanto este tipo de relação não é relevante em termos de desenvolvimento da moral da autonomia.

Reflexão sobre sua prática: é representada pelo caso do professor que reflete constantemente sobre sua prática, estabelece um ambiente de cooperação e de respeito mútuo com os alunos, buscando a competência como professor em termos de atenção ao desenvolvimento cognitivo e moral do aluno.

Além das citadas características principais que diferenciam os casos trabalhados entre si, foram ainda comentadas, pelos alunos, outras formas de relação, apontadas como

opostas às dos professores escolhidos ou ideais. Essas relações, que serão identificadas a seguir, foram referidas para caracterizar o que é rechaçado nos professores como uma teoria geral.

Desinteresse no aprendizado do aluno: diz respeito ao professor que não está pessoalmente interessado no aprendizado do aluno, acreditando que deve ensinar e que é responsabilidade do aluno aprender. Não há um compromisso pessoal com o aluno e a relação de respeito; se houver, é baseada na heteronomia. Ser “bonzinho” e “dar nota” é uma das formas com que os alunos o identificam.

Não gostar de aproximação pessoal: refere-se aos professores que buscam a eficácia na tarefa de ensinar, no entanto não estão interessados nos problemas pessoais do aluno. Assim, não estabelecem uma relação pessoal necessária à constituição do respeito mútuo e do aprendizado.

Sem postura ética: caracteriza aquele professor que não ocupa seu lugar como tal e se coloca em um lugar de igualdade com o aluno, negando a assimetria necessária ao seu fazer como professor, como afirma La Taille (1999). Os alunos se referem ao professor que “despeja seus problemas” pessoais na turma, não trata com ética seus colegas e não respeita o espaço do aluno, infiltrando-se em conversas e assuntos particulares.

Os alunos acreditam que a interação social é importante para o desenvolvimento moral, como supõe Piaget, e exemplificam como o professor pode ocupar, nesse processo, o lugar semelhante ao da família, para muitos jovens. Na fala dos alunos, fica claro também que a simples transmissão verbal de um valor moral, ou mesmo, a comparação com os valores de alguém respeitado se transforma em evolução somente a partir da reflexão do adolescente que constrói seus próprios valores. Essa reflexão pode ser propiciada por uma relação de respeito mútuo e cooperação.

Uma série de características que os alunos consideram importantes, para que um professor possa fazer a diferença em suas vidas, ficou clara durante as entrevistas. Praticamente todos os alunos falam que o professor deve ser amigo, compreensivo,

atencioso, deve respeitar o aluno e pedir respeito, ser rígido quando tem que ser, saber conversar, saber dar aula, explicar e fazê-lo quantas vezes forem necessárias; saber brincar, saber lidar individualmente com o aluno, não voltar sua agressividade contra o aluno, ter espontaneidade, gostar de sua profissão e ser responsável. Tratar o aluno como igual, mas tendo clareza do seu papel; relacionar o conteúdo com situações da vida cotidiana, saber ouvir, estar aberto a sugestões, ser honesto, ter interesse pela vida de cada aluno de forma individual.

Tais características dadas como necessárias ao professor ideal podem ser sintetizadas em três grupos:

1. Estabelecer uma relação de amizade, troca afetiva e respeito mútuo com o aluno, onde há espaço para expressão espontânea e livre, em um ambiente de cooperação, em que seja possível discutir questões teóricas e particulares.
2. Ter domínio do conteúdo que vai trabalhar.
3. Saber auxiliar o aluno em sua construção de conhecimentos, sendo eficiente em sua tarefa.

Além dos resultados aqui apresentados, alguns outros dados relevantes para o problema da pesquisa surgiram nas entrevistas e no questionário.

Há uma idealização por parte da maioria dos adolescentes quanto à figura do professor. Os alunos afirmam que, se o professor não dá aula de forma adequada, é porque está enfrentando algum problema, que pode ser desde doenças e cansaço até a má-remuneração. Desse modo, os alunos constroem sua teoria sobre o professor ideal e buscam submeter a todos, independente da realidade, o que é uma característica do pensamento do adolescente.

Muitos jovens atribuem como motivo das dificuldades dos professores a escolha profissional mal feita: os docentes não trabalhariam bem, porque são infelizes por ter escolhido mal sua profissão. Esta questão não contraria o pensamento anteriormente tratado, mas traz como novidade o fato de os adolescentes entrevistados estarem em sua

totalidade em um momento de escolha profissional, e assim identificarem-se com o professor, colocando-o em um lugar de igualdade e atribuindo-lhe uma escolha errada, quando atravessou esse momento na vida.

Nos casos de três dos professores escolhidos, surge nas entrevistas que é importante que o professor “seja o mesmo”, se relacione da mesma forma com os alunos, dentro e fora da sala de aula e mesmo da escola, demonstrando a relevância de que se estabeleça uma relação pessoal, e isto sendo uma forma de verificá-la.

Os adolescentes, diferentemente do que possa supor o senso comum, entendem que o professor melhor e mais amigo não é aquele que “sai dando notas”, ou “facilita a avaliação”, mas aquele que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado de seu aluno. Aqui o aprendizado surge como um valor para estes jovens, e o professor respeitado deve ser competente neste sentido também.

A partir da relação entre o que é dito sobre os professores e suas falas, surge a idéia que os professores que estabelecem relações prioritariamente fundadas na moral da heteronomia com seus alunos apresentam também um comportamento heterônimo em sua relação com os outros profissionais da escola. Isso mostra que sua prática ligada ao respeito unilateral pode não ser um “método de ensino”, mas reflete o tipo de pensamento predominante neste sujeito.

A totalidade dos professores trabalhados, em maior ou menor nível, não tem uma clareza epistemológica que fundamente sua prática. Assim, como verificou Becker (1993) em sua pesquisa sobre a epistemologia do professor, muitos oscilam entre o empirismo, fórmulas construídas a partir de sua vivência e partes de teorias diversas do conhecimento.

A coação é algo que aparece na totalidade do discurso dos professores, ao menos brevemente, quando se referem à sua prática. Mesmo aqueles que parecem, de acordo com eles mesmos e com os alunos, não utilizar a coação, a defendem para situações especiais. Assim, a necessidade da coação na epistemologia do senso comum é tão forte, que mesmo os professores autônomos acreditam que em algum momento podem precisar dela.

Na reunião dos questionários e das entrevistas, fica evidente a importância de relações particulares entre professor e aluno. Professores que não são necessariamente amados e admirados pela maioria de seus alunos aparecem como importantes e fundamentais para um ou dois alunos. Aqui transparece a questão da relação pessoal e individual como importante e talvez possamos pensar que uma relação de cooperação pode se estabelecer mais facilmente a partir de uma relação de respeito mútuo entre duas pessoas, e não entre um e um grande grupo.

Um dado relevante, que não seria percebido somente nas entrevistas, surgiu na análise dos questionários, pois nesses tem-se um grande número de sujeitos, é que a grande maioria dos oitenta e oito adolescentes entrevistados acreditam que tiveram em sua história um professor que fez a diferença em sua vida, e praticamente a totalidade deles entende que a relação com um professor significativo pode auxiliar para que se criem novas formas de se relacionar com as pessoas.

5. Considerações Finais

A questão moral hoje é algo que vem se tornando cada vez mais importante e é objeto de diversas pesquisas, tanto na área da educação, quanto da sociologia e da psicologia. A sociedade atual, seu individualismo característico e as violências sofridas e protagonizadas pelos jovens, assim como as dificuldades encontradas na escola para fazer frente a suas novas responsabilidades, tornam importante pesquisar a relação dos adolescentes com os seus professores, tomada como algo que pode fazer diferença.

As relações de coação na escola, a partir da observação de nossa realidade ou mesmo dos ensinamentos de Piaget, não têm o poder de alterar profundamente o jovem e muito menos transformar nossa sociedade como um todo. “A coação transforma então o indivíduo muito menos profundamente que a cooperação, e se limita a se recobrir com fina camada de noções comuns, não diferindo, em sua estrutura, das noções egocêntricas” (PIAGET, 1965, p. 168). Pensando nas relações interpessoais como algo constitutivo do sujeito, nesta pesquisa o professor surgiu como alternativa para a mudança nos jovens. Os adolescentes em geral, nas grandes cidades, freqüentam a escola, têm contato e muitas

vezes estabelecem relações marcantes com professores ao longo de sua vida escolar. Teve-se como pressuposto que se um desses professores pudesse estabelecer uma relação significativa com o jovem, auxiliando-o em termos de desenvolvimento em direção à autonomia, poderia-se esperar algum crescimento moral e alguma contribuição para a transformação da sociedade.

A moral do bem, pesquisada por Piaget, é resultado da moral da autonomia em que se busca trabalhar para o bem comum, ao contrário da sociedade atual, em que predominam os interesses de cada um, como afirma Freitas (1999). Aumentando o número de pessoas capazes ou interessadas em cooperar e estabelecer relações de respeito mútuo, pode-se favorecer mudanças na direção de uma sociedade melhor e mais justa, sem negar, é claro, o papel dos constrangimentos sociais e estruturas econômicas.

Para Piaget, trabalhar em prol do bem comum, ou seja, cooperar não é algo que se aprende de fora para dentro, mas é um método que se constrói a partir do desenvolvimento cognitivo e moral, que implica a relação com os outros. Neste processo, são importantes a família e os pares, com os quais se pode discutir teorias pessoais e valores, confrontando idéias diferentes e caminhando para fora do egocentrismo da criança e do adolescente.

Em uma sociedade em que o importante é que prevaleça o desejo do indivíduo e a satisfação imediata, muitas vezes e não por acaso, este é o valor predominante na família. O professor, entretanto, pode vir a servir como um modelo diferente, ocupando um lugar de importância análogo ao da família ideal, e propiciando um ambiente de liberdade que permite a ação espontânea e a confrontação de idéias e valores, como afirma Becker (2001), colocando-se no patamar de um par com valores morais autônomos, em que, através da cooperação, permite ao jovem a evolução moral.

Surgiu então como problema de pesquisa a pergunta: como a relação de respeito mútuo com um professor pode mudar o posicionamento moral de um jovem frente à vida? E, a partir desta pergunta, a questão: que características deve ter esse professor, para que possa fazer diferença na vida do jovem?

A pesquisa buscou as representações do adolescente sobre o professor e sua relação com ele, no intuito de caracterizar, a partir da fala do jovem e do próprio professor, como deve ser este professor. A organização dos dados em casos permitiu uma apresentação mais clara das hipóteses dos alunos sobre seu professor significativo e sobre as características que este atribui a si. A articulação entre essas falas permite compreender que os alunos não se referem a características estancas, ou seja, não se referem a características pessoais de cada professor, mas às que surgem nas relações estabelecidas dentro e fora da escola.

A partir da realização desta pesquisa, pode-se concluir que o professor pode fazer a diferença na vida de um jovem através de uma relação de cooperação e de respeito mútuo, como demonstra Piaget. O que de fato ocorreu nos casos relatados, em que cada jovem demonstrou possuir uma relação com um professor significativo, que fez diferença em sua vida em termos de constituição moral.

Surgiu ainda como necessário que se estabeleça uma relação de afeto, e que as relações sejam mais particulares, professor-aluno, e não professor e determinada turma. Evidencia-se também como resultado deste trabalho o cuidado que deve ser dispensado à formação básica do professor e a necessidade de uma formação continuada, que permitam a reflexão sobre sua prática e desenvolvimento moral, devido a relação professor aluno ter um lugar importante no processo de constituição moral do adolescente.

Referências

- BECKER, F. *A epistemologia do professor: o cotidiano na escola*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BECKER, F. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DELVAL, J. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FREITAS, L. *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GALLEGO, A. B. *Adolescência e moralidade: o professor que faz a diferença*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- INHELDER, B.; PIAGET, J. *Da lógica da criança a lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira, 1976.

LA TAILLE, Y. de. Autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sumus, 1999.

MACEDO, L. de (org). *Cinco estudos de Educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIAGET, J. *A evolução intelectual da adolescência: a vida adulta*. Tradução de Tania Beatriz Iwazsko e Fernando Becker. Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Educação, 1993. (ed. org. 1972)

PIAGET, J. O espírito de solidariedade na criança e a colaboração internacional. In: PARRAT-DAYAN, S.; TRYPHON, A. *Sobre a pedagogia: textos inéditos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 59-78. (ed.org. 1931)

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977. (ed.org. 1932).

PIAGET, J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1973. (ed.org. 1948).

PIAGET, J. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense, 1972. (ed. org. 1935-1965).

PIAGET, J. *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994. (ed. org. 1965)

WASKOW, Silvana. *Os processos disciplinares na escola e a dimensão moral na representação de alunos adolescentes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em 10 de janeiro de 2008
Aprovado em 15 de abril de 2008